

# As linhas de força e suas representações na esfera discursiva da narrativa *Selva Trágica*, de Hernani Donato

The power lines and their representations in the discursive sphere of the narrative *Selva Trágica*, by Hernani Donato

Carolini Cristina Santos ALPE<sup>62</sup>

**RESUMO:** O artigo aqui disposto tem como intuito estabelecer e analisar as relações entre as linhas de força que tangem a narrativa *Selva Trágica*, de autoria de Hernani Donato. A referida narrativa articula-se como um romance histórico que vem apresentar a história velada intrínseca ao contexto de exploração da erva-mate. Busca analisar nessa pesquisa como atuam as linhas de força referentes aos períodos da década de 1940 – período em que ambienta-se a narrativa – e a década de 1950 e seus acontecimentos no âmbito histórico, político e social, e como essa atuação é manifesta na esfera discursiva inerente à constituição da trama. Com relação às linhas de força presentes na narrativa, busca-se avaliar como as mesmas se manifestam no âmbito sócio histórico e quais as suas projeções na esfera discursiva. O estudo em questão busca apreender as correlações históricas e sociais a partir do nível do discurso, analisando as inerências entre o contexto de produção na narrativa e a articulação dos fatos extrínsecos ao texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** romance histórico; linhas de força; discurso.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to establish and analyze the relation between the power lines that play the narrative *Selva Trágica*, by Hernani Donato. The aforementioned narrative articulates itself as a historical novel that comes to present the veiled story intrinsic to the context of exploitation of the yerba mate. It seeks to analyze in this research how the lines of force related to the periods of the 1940s - period in which the narrative is set - and the 1950s and its events in the historical, political and social spheres, and how this action is manifested in the discursive sphere inherent in the constitution of the plot. With respect to the lines of force present in the narrative, it is sought to evaluate how they are manifested in the socio-historical scope and what their projections in the discursive sphere. The study in question seeks to apprehend the historical and social correlations from the discourse level, analyzing the inferences between the production context in the narrative and the articulation of the extrinsic facts to the text.

**KEY WORDS:** historical novel; power lines; speech.

---

<sup>62</sup> Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: [carolinialpe@gmail.com](mailto:carolinialpe@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como intuito estabelecer as relações entre a década de 1940 e 1950 a partir da análise da tessitura do romance *Selva Trágica*, do autor paulista Hernani Donato. O referido romance apresenta o cenário de extração da erva-mate no Estado de Mato Grosso, anteriormente a sua divisão territorial. Donato (1976) dispõe de aspectos ficcionais para narrar a história velada por trás de todo o contexto de exploração executado pela Companhia Mate Laranjeira. O autor situa as personagens na esfera do erval, valendo-se destes para representar os estereótipos inerentes a atmosfera ervateira – o ervateiro, a mulher do erval, os administradores, os capatazes, e os trabalhadores clandestinos. A partir desses estereótipos a narrativa vai construindo-se tendo como ambientação o acampamento ervateiro e como personagem principal a própria erva, pois é em torno desta que todos os acontecimentos decorrem e todos os destinos das personagens são condicionados.

*Selva Trágica* é um romance que permite a multiplicidade de perspectivas a serem abordadas, uma vez que muitos são os núcleos inerentes ao romance. No presente artigo, a partir do processo de análise discursiva a ser executada busca-se avaliar como as linhas de força exercidas pelo contexto de exploração dos ervais apresentam um diálogo com o período de 1950 no âmbito histórico e social, e como este diálogo articula-se manifesto na esfera discursiva. Parte-se da premissa de que as relações entre as duas épocas em questão podem ser concebidas e avaliadas a partir do nível da linguagem e das correlações entre o nível enunciado e o nível da enunciação. Logo, parte-se dos indicadores discursivos da narrativa *Selva Trágica* para o conjunto de significados que estes trazem consigo. Tendo em base a articulação que Donato (1976) apresenta em sua narração, busca-se avaliar qual a relação entre os dois períodos já discriminados anteriormente e os reflexos dessa relação no nível do discurso. Nesse contexto, busca-se ratificar – mediante a linguagem disposta na construção narrativa e suas marcas discursivas – o diálogo que permeia as divergências entre as classes dominantes provenientes do contexto

histórico, político e social da década de 1950, uma vez que pode-se visualizar o embate dessas classes a partir da articulação narrativa do autor.

Em disposições gerais, o estudo aqui descrito parte das relações discursivas e dos fatores inerentes à própria narrativa que só podem ser desvelados mediante ao estudo das estruturas do discurso em detrimento do contexto a partir das quais foram articuladas e situadas. Para que a análise seja executada, nos utilizaremos do foco narrativo inerente às personagens *Luisão* e *Jornalista*, que configuram-se como caracteres de grande relevância para a apreensão da relação entre o contexto de produção da narrativa e sua articulação com os fatores históricos que permearam a atmosfera de monopólio da erva.

### AS LINHAS DE FORÇA EM *SELVA TRÁGICA*

*Selva Trágica* apresenta em seu enredo o processo de extração da erva-mate que ocorreu no sul do Estado de Mato Grosso do Sul quando este ainda apresentava-se inerente ao território de Mato Grosso, antes da divisão de ambos. A narrativa engloba o processo que ocorreu desde o início do século XX até meados de 1940, período em que a concessão das terras para a Companhia Mate Laranjeira estava em voga. Ainda que a narrativa contemple esse período, é possível visualizar nos índices discursivos da narrativa, nuances da visão de mundo proveniente da década de 1950. Para apresentar a correlação entre ambas as décadas, trabalharemos a seguir com as linhas de força vigentes no contexto do século XX, e visualizar, posteriormente, como estas manifestam-se no nível do discurso.

As linhas de força que serão dispostas a seguir são derivadas da classe burguesa. No entanto a referida classe, apresenta dois extratos, configurados como fissuras da classe dominante, ou seja, da burguesia.

Em termos gerais, a primeira linha de força é voltada para o setor empresariado ligado às instituições bancárias e as empresas exportadoras de produtos agrícolas, constituída a partir da esfera da agricultura, mais especificamente a

agricultura de exportação, possuía como fonte de financiamento os subsídios estatais; já a segunda linha de força é representada pelo setor empresariado ligado à indústria e avesso à presença dos capitais externos, apresentando portanto maior resistência com relação a participação do capital estrangeiro (KUPERMAN, 2012).

Faz-se necessário ressaltar no entanto que a tensão entre ambas as frações da classe dominantes pode ser melhor compreendida a partir da segunda metade da década de 1950, uma vez que nos primeiros anos da referida década, o setor agrícola e o industrial possuíam um teor funcional complementar entre si, e as disputas ideológicas e econômicas entre si não configuravam-se tão evidentes.

A tensão ocorre a partir do momento em que a classe burguesa voltada às atividades de exportação sente-se desprivilegiada por perder o pleno controle das ações agroexportadoras. Em outro viés temos a classe burguesa aliada à esfera industrial, que aposta no financiamento estrangeiro como subsídio para a produção de bens de consumo e também de bens de produção. A segunda classe disposta – aliada à interferência internacional – estabelece sua supremacia e deixa de constituir-se como parceira da classe burguesa voltada à agricultura de exportação (KUPERMAN, 2012).

Temos então a disposição de duas linhas de força predominantes, relativas às frações da classe burguesa acima colocadas. Sendo assim, além do sistema de ideias nelas implícito, é necessário analisar em que ambiente este sistema se desenvolve, uma vez que toda visão de mundo necessita de um espaço social para desenvolver-se e dispor de uma determinada classe de locutores e interlocutores para ser devidamente disseminada.

Nesse contexto, busca-se apreender em que medida o teor denunciativo da narrativa sobre as condições de exploração impostas pela fração da burguesia na primeira metade do século XX projeta-se no contexto da década de 1950 a partir das vias discursivas, e como tal projeção ocorre na relação literatura e história, uma vez que os fatores analisados – ainda que históricos, políticos e sociais – estão sob a ótica da linguagem.

Quando pensamos nas forças que regem o discurso, devemos visualizar que o discurso é constituído por fatores inerentes aos contextos históricos e/ou sociais que permeiam uma determinada classe ou aqueles subjugados a ela. Nesse sentido Bakhtin/Volochinov (1979, p 17) dispõem que o discurso “reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior”. Logo, é impensável a elaboração deste sem a interferência de elementos inerentes aos outros setores sociais. Ainda sob a mesma ótica, José Luiz Fiorin (1990, p.177) afirma que

[...] o discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. (1990, p. 177)

Relacionando a aceção de Fiorin (1990, p. 177) à construção da narrativa e também ao excerto acima disposta, compreendemos que o teor narrativo de *Selva Trágica* seria impensável sem que se relacionasse o texto – enquanto objeto linguístico –, e o contexto ervateiro do início do século XX – enquanto objeto histórico. A partir do diálogo entre ambos os fatores temos como resultado uma narrativa que encena a questão social e econômica disposta na década de 1950. Em outras palavras, Donato (1976) ambienta a narrativa em um contexto inerente à década de 1940 a partir do *locus* enunciativo refratado pelas forças ideológicas presentes na década de 1950. Conforme disposto por Kuperman (2002) houve o embate entre frações da classe dominante – burguesia – e o referido embate é apresentado na tessitura a partir da revelação das condições de exploração inerentes ao contexto ervateiro, ligado ao setor da agricultura. O setor agroexportador voltado para a produção e mercantilização da erva-mate é ameaçado pela industrialização, a partir das leis que promulgam o fim do monopólio dos ervais mato-grossenses à Companhia. Em contraponto ao declínio da empresa agroexportadora, temos a ascensão dos polos industriais voltados a produção dos bens de consumo. O foco

econômico brasileiro altera-se portanto para a industrialização, o que situa a fração agroexportadora em segundo plano no cenário econômico do país.

Partindo do pressuposto de que a erva-mate – como disposta na trama – é um produto que contempla em sua produção a participação de capitais externos – mais especificamente do Paraguai e a Argentina, passamos a compreender que ainda que situado nas primeiras décadas do século XX, a narrativa remete ao contexto da década de 1950, a agroexportação e a interferência de capitais estrangeiros. O caráter denunciativo da obra *Selva Trágica* consiste na relação em que o autor articula entre o setor agrícola – voltado para a área de exportação -, e a interferência de capitais externos e as forças ideológicas presentes nessa relação. Donato (1976) dispõe de seus personagens - manifestos tanto a partir de suas próprias percepções quanto pelas percepções do narrador – para transpor narrativamente a voz daqueles que auxiliaram na construção e manutenção da economia brasileira e também de outros países, porém, possuem sua visão de mundo obliterada pelas forças ideológicas presentes nos setores de maior prestígio – como as grandes companhias, os acordos políticos e os privilégios fiscais.

O autor estabelece um panorama entre as questões sociais e políticas que são dispostas na década de 1950 a partir de apontamentos narrativos, os quais o autor consegue encaixar em um outro contexto temporal. Donato (1976) articula as vozes de menor prestígio em paralelo com as forças ideologicamente dominantes, e oportuniza ao interlocutor a compreensão a partir de uma outra perspectiva – a perspectiva dos oprimidos pelas vozes predominantes.

Dispondo de um breve panorama sócio-histórico temos segundo Marly Rodrigues (2010, p. 17), - com relação ao Brasil na década de 50 – a seguinte afirmação:

A corrente de pensamento de maior influência nos anos 50 foi a nacionalista. A tese central dos nacionalistas apoiava-se na possibilidade de desenvolvimento independente do Brasil, através da industrialização comandada pela burguesia e por capitais nacionais. Isso, no entanto, não

significava uma aversão absoluta ao capital e à tecnologia estrangeiros, aceitos na medida em que se submetessem ao controle nacional. (RODRIGUES, 2010, p. 17)

A partir do comentário da autora podemos visualizar uma política de articulação entre o desenvolvimento do país, a classe burguesa e a interferência do capital nacional. O romance de Donato (1976) dispõe tal percepção política e econômica na esfera ervateira, uma vez que a Companhia Mate Laranjeira é fruto da interferência do capital estrangeiro. Voltando-nos para a análise dos índices discursivos, vejamos como as acepções anteriores manifestam-se no discurso.

Notemos a menção à interferência do capital estrangeiro manifesto em uma das passagens do romance, relativa a personagem *Luisão*, um dos caracteres chave para a abordagem e compreensão da esfera política e social incutida na trama. A referida personagem atua na narrativa como intermediador entre as terras dos ervais, e o centro econômico e político do Brasil na época, o Rio de Janeiro. A personagem é um dos trabalhadores dos ervais, porém, como se deslocou até outros ambientes a fim de buscar informações que auxiliassem na luta para que o fim do monopólio ocorresse, demonstra grande poder de persuasão ante seus companheiros e domínio político suficiente para compreender as modificações que viriam a ocorrer: a participação da classe política na interferência do contexto do mate. Temos no excerto a seguir uma articulação entre a vertente histórica e a literária. A verossimilhança entre ambos dá-se pela apresentação de dados pertinentes à história da *Companhia*, representada em um ato ficcional por Donato (1976) a partir da tessitura de *Selva Trágica*. O recorte a seguir é proferido pela personagem *Luisão*: “No oitocentos e oitenta e dois, começaram a fazer erva e um certo Dom Tomás, da comissão de limites, arranjou companheiros e armou a companhia” (DONATO, 1976, p. 105-166). A partir do discurso da personagem, o autor insere uma informação valiosa para que a relação entre a interferência do capital estrangeiro e o aspecto progressista do país – situado na década de 1950 – seja apreendido. A partir do enunciado da personagem temos a visão histórica do que ocorreu no início do

monopólio e também a evidência da atuação de uma das frações da classe dominante: o setor agroexportador em atuação com os capitais estrangeiros. Logo, a erva-mate que era manejada em solo brasileiro contava com a participação de outras nações – Paraguai e Argentina. Esses dados ficam implícitos no nível do enunciado, porém, é possível fazer associações com os fatos verídicos de acordo com os índices que o autor articula na narrativa mediante a participação do narrador e das personagens – *nos oitocentos e oitenta e dois; Dom Tomás; companhia*.

Com relação à inerência entre o texto e os fatores exteriores ao mesmo – como esfera social, econômica e história, temos aqui a afirmação de Barros (1999, p. 1):

O texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um ‘tecido’ organizado e estruturado, quanto um objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sociohistórico. Conciliam-se, nessa concepção de texto, ou na ideia de enunciado de Bakhtin, abordagens externas e internas da linguagem. O texto-enunciado recupera estatuto pleno de objeto discursivo, social e histórico. (BARROS, 1999, p.1)

Relacionando as afirmações de Barros (1999, p. 1), depreendemos que o texto é construído a partir do diálogo entre a questão social e história, e sobre ela atua a visão de mundo proveniente de um determinado contexto. Nesse sentido, compreendemos que a temática ervateira, disposta aqui de forma ficcional na esfera textual, apresenta-se refratada no panorama histórico. Depreendemos portanto, que o texto deve ser analisado tanto através do discurso nele incutido quanto nos elementos históricos e sociais que contribuem para a construção de seu efeito de sentido. De acordo com a acepção bakhtiniana o discurso é constituído através de circunstâncias enunciativas pertencentes às determinadas esferas sociais. O texto é o meio pelo qual uma determinada visão de mundo é projetada de acordo com elementos derivados do âmbito social. Ratificando essa informação vejamos a afirmação de Volochinov/Bakhtin (1979, p. 72), que consideram que a palavra se faz do

[...] indicador mais sensível de todas as transformações sociais [...] A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças [...]. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais ínfimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1979, p.27).

Veremos a partir de agora como o autor articula o discurso do narrador e das personagens segundo o seu ponto de vista, e como isso configura-se como subsídios para a disposição das linhas de força de ambos os períodos históricos – década de 1940 e a década de 1950.

O autor, muito além de articular as relações entre narrador, personagem e contexto da obra, apresenta o seu discurso pigmentado de acepções pessoais com relação à esfera sócio-histórica na qual está inserido. No âmbito teórico temos a seguinte consideração:

O autor se realiza e realiza o seu ponto de vista não só no narrador, no seu discurso e na sua linguagem (que, num grau mais ou menos elevado, são objetivos e evidenciados), mas também no objeto da narração, e também realiza o ponto de vista do narrador. Por trás do relato do narrador nós lemos um segundo, o relato do autor sobre o que narra o narrador, e, além disso, sobre o próprio narrador. (BAKHTIN, 1998, p.118).

Tendo em base a afirmação acima disposta, é relevante ressaltar que não encontramos no romance as acepções e considerações de Donato (1976) de forma direta. Visualizamos sua percepção de mundo de acordo com os discursos articulados, tendo em vista o contexto no qual estava inserido. A voz discursiva do autor aparecerá então de modo *refratado*, utilizando-se de subsídios discursivos.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência

ideológica em torno de uma dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 2002, p. 86)

Pelo viés de Bakhtin (2002, p. 86) o enunciado possui determinado objeto em torno do qual estabelece-se. No romance em questão, o objeto e a erva e suas desinências, no entanto, toda a carga ideológica manifesta por esse objeto é de grande relevância para a constituição de um diálogo social promovido a partir da relação entre momento social/histórico e a articulação narrativa, contemplada tanto pelo nível do enunciado quanto pelo nível da enunciação. Partindo dessa perspectiva, o discurso enunciado pelas personagens corrobora para que alguns aspectos sejam analisados tendo em vista todo o conjunto da articulação narrativa disposta por Donato (1976).

A personagem *Luisão*, no contexto da narrativa opõe-se não só à Companhia mas também ao setor governamental que rege o país na época. Segundo o discurso da personagem, a Companhia confere grande poder tanto com os que estão subjugados às suas normas, quanto ao governo em si. Notemos: “A Companhia faz também essa e faz a grande política, em Cuiabá, em São Paulo, no Rio, em Buenos Aires, sei lá onde mais. Assim, cobre e abafa os gemidos e os gritos da pobre gente nos ervais”. (DONATO, 1976, p. 105). Essa passagem faz menção ao episódio do retorno de *Luisão*, que foi aos grandes centros denunciar as mazelas do erval. Essa personagem configura-se dentro da trama como um dos símbolos de resistência da comunidade ervateira.

*Luisão* é a personagem que apresenta maior consciência histórica e social perante aos ocorridos no erval. Na narrativa tem-se a apresentação da trajetória, tanto territorial quanto intelectual da personagem. Ao encabeçar a luta pelo fim do monopólio por conta da Companhia, *Luisão* apresenta um discurso contaminado de interferências dialógicas em virtude do seu amadurecimento intelectual em contato com outras esferas. A construção da personagem está diretamente ligada ao referido amadurecimento, uma vez que quando a personagem é equiparada aos seus demais

colegas, notamos em seu discurso um tom retórico, capaz de convencer e persuadir os demais, que por sua vez, apenas recebem as informações enunciadas e dão total crédito a elas. As noções políticas e sociais intrínsecas à narrativa são dadas por essa personagem a partir do seu discurso. Notemos: “Estava de volta o Luisão. Por conta deles e falando por eles andaré pelo Cuiabá e o Rio de Janeiro, de conversas e peditórios com os políticos favoráveis à extinção do privilégio da erva.” (DONATO, 1976, p. 104)

Percebemos então que Donato (1976) utiliza-se da figura de *Luisão* para inserir os fatos voltados à história e a sociedade da época, e em virtude disso, modifica o discurso da personagem para dispor as ações a partir do viés de um dos caracteres dos ervais. Notamos então que o discurso é contaminado e manipulado pela perspectiva do autor, uma vez além dos fatos protagonizados por *Luisão*, temos também as marcas do enunciado conferidas a ele, que o difere das demais personagens. A partir do enunciado da personagem, podemos visualizar o quão panorâmico é a perspectiva da mesma com relação aos fatos ocorridos no erval e suas projeções para além das terras do mate. Vejamos a acepções acima colocadas no contexto da enunciação da personagem: “- Até agora lutamos sozinhos e a nosso modo. Mas a influência da Companhia não deixa nossa voz engrossar. Porque ela tem quem leve os seus recados até onde eles devem ser dados” (DONATO, 1976, p. 105). O discurso da personagem *Luisão* é um discurso coletivo. A sentença que pode comprovar essa afirmação é: “(...) agora lutamos / nosso modo”. Sendo assim, percebemos que a referida personagem configura-se na trama, como a voz de todos aqueles que estão oprimidos perante às condições do erval, mas não se manifestam. É o discurso dessa personagem que promove o intercâmbio entre o erval e seus componentes e o mundo que coexiste com os ervais, mas que está distante do alcance dos ervateiros. Além disso, no recorte “Mas a influência da Companhia não deixa nossa voz engrossar” (DONATO, 1976, p. 105) vemos que a personagem tem conhecimento sobre as relações de poder que envolvem o sistema de produção da erva-mate e os reflexos desse no sistema governamental do país. O fato de a

Companhia não permitir que a voz dos ervateiros seja ouvida é uma personificação do seu domínio perante aos trabalhadores nos mais variados aspectos – ofício, visão de mundo, expectativa e sonhos. A voz dos ervateiros é suplantada pela vertente brutal daqueles que detém o monopólio das minas de erva-mate.

A perspectiva dos fatos que decorrem por parte da personagem *Luisão* é muito perspicaz, uma vez que em seu discurso notamos as referências ao governo como um órgão impotente perante as mazelas da erva, justamente porque esta não pode ver àqueles que não tem voz perante à sociedade. Notemos:

O governo está longe, tem a vista fraca demais para enxergar o que se passa no meio do mato. E a erva está no meio do mato. Não nos jardins do palácio do governo. Agora vamos lutar contra outro tipo de poder: o dinheiro, a política, o suborno, a malícia. (DONATO, 1976, p. 198)

A consciência da personagem é articulada pelo autor a fim de corroborar para a construção de uma linha de sentido que apresente fatores que não estão no nível superficial do enunciado como as relações de poder, as cadeias hierárquicas e as projeções do monopólio no contexto de cada indivíduo nele arraigado.

Passemos então à segunda personagem aqui relacionada às questões da política da erva: o *Jornalista*. Na trama de Donato (1976), a referida personagem realiza quanto ao nível discursivo o processo inverso ao da personagem *Luisão*, uma vez que a voz da personagem *Jornalista* é projetada por um outro enunciador, logo, temos uma modulação discursiva para que o ato enunciador da personagem em questão seja transposta nas vias discursivas. Na passagem a seguir, temos o discurso do filho de *Luisão* sobre o *Jornalista*:

Diz que é jornalista, que veio de São Paulo para saber as histórias da erva. Que lá e também no Rio de Janeiro os jornais e os políticos deputados estão falando da erva, querendo que o Governo providencie, acabe com o monopólio, mais isto e mais aquilo. Quer ouvir do senhor mesmo (...) (DONATO, 1976, p. 188)

O modo com que Donato (1976) articula o discurso do *Jornalista* e o desloca para a enunciação do filho de *Luisão* apresenta grande complexidade. Pode-se visualizar nas vias de discurso o processo da debreagem, pelo viés de Fiorin (2014), uma vez que todas as informações relevantes, que poderiam ser enunciadas, - de forma muito óbvia – pela personagem *Jornalista* são aqui projetadas na fala de um terceiro caractere. A debreagem ocorre de forma visível em alguns trechos como “(...) também no Rio de Janeiro os jornais e os políticos deputados estão falando da erva, querendo que o Governo providencie, acabe com o monopólio” (DONATO, 1976, p. 188). Quando o filho de *Luisão* enuncia o fragmento a seguir: “(...) mais isto e mais aquilo (...)”, temos uma segunda debreagem, deslocando novamente o discurso ao nível desse sujeito da enunciação. Esse processo confere à narrativa uma configuração impessoal. Logo, não temos o ponto de vista de uma personagem manifesta sob o seu discurso, o que confere ao mesmo maior credibilidade, o que não ocorreria caso tivéssemos o discurso em primeira pessoa com marcas que configurassem apenas uma perspectiva. Temos a partir do discurso da personagem *Jornalista* um teor coletivo, uma vez que a personagem representa a imprensa e as forças midiáticas sobre ela projetadas. Outro ponto importante a ser avaliado no discurso dessa personagem é o fato de que o mesmo é caracterizado pelo narrador como “(...) alguém que não entendia nada daquilo. Fora mandado para ver, ouvir e escrever” (DONATO, 1976, p. 189) sobre um assunto que estava tornando-se foco das discussões políticas nas regiões de maior prestígio econômico, político e social do país, como os Estados de Cuiabá, São Paulo e Rio de Janeiro, locais estes afastados da cultura do erval, incapazes de apreender todas as mazelas que ocorriam nos acampamentos e minas de extração da erva. O discurso projetado na personagem *Jornalista* – enunciado em grande parte pela articulação do narrador – é repleto de vozes capazes de configurar ideologicamente as frações da classe dominante:

Em Cuiabá, no Rio e em São Paulo, aquele era um assunto que andava apaixonando. Na Câmara, no Senado, na imprensa, muitas vozes cuidavam do que começava a ser um escândalo nacional. Vozes que se chocavam, se combatiam. Algumas chamavam a necessidade de limitar os direitos e os poderes de uma potência particular legislando e governando por sua conta, submetendo homens e árvores à tratamento despótico. Outras vozes afirmavam, citando números e nomes de cidades, de rios e de estradas, que de outra forma o sul do Mato Grosso seria um deserto, belo mas improdutivo, extenso mas inútil. Essas vozes contavam como as cidades haviam nascido, os rios navegados, os portos construídos, as riquezas exploradas, as estradas abertas e conservadas, e terra conhecida e povoada, aumentada a renda do Estado, enriquecido os fazedores de erva. (DONATO, 1976, p. 189)

Nesse fragmento temos um exemplo da divisão das frações da classe dominante e do embate entre elas. Faz-se relevante ressaltar que o excerto acima, tendo sua enunciação através da figura da personagem *Jornalista*, apresenta – ainda que de forma não delimitada a partir de marcadores gráficos – a representação discursiva dos fatos enunciados pelos agentes do discurso subentendidos no fragmento. Esses agentes discursivos são aqueles que, ainda que apareçam de modo tácito na narrativa, são os grandes articuladores das visões de mundo, das articulações ideológicas. Podemos identificar no fragmento a modulação entre a perspectiva do *Jornalista* e a enunciação do narrador, uma vez que o *Jornalista* introduz a temática em sua enunciação, porém, quem executa o desenvolvimento das visões de mundo pertinentes a cada classe, é o narrador. O excerto que antecede a referida modulação discursiva contempla a introdução da temática a ser explorada é “Em Cuiabá, no Rio e em São Paulo, aquele era um assunto que andava apaixonando” (DONATO, 1976, p. 189). Posteriormente, temos a inferência do narrador no discurso da *Jornalista*, e a partir desse ponto estabelece-se uma paráfrase dos fatos que estavam ocorrendo nos domínios exteriores às dependências da *Companhia*. O narrador tem seu discurso impregnado pelas manifestações vigentes no fragmento, e cede espaço para que as vozes que *chocavam-se* e *combatiam-se* se dispunham nas vias do texto.

Analisando as frações e suas visões de mundo manifestas na narrativa, temos a primeira fração a ser aqui disposta, voltada à industrialização e contrária ao

monopólio dos ervais, ou seja, as linhas de força que manipulam implicitamente o contexto da narrativa. São vozes que pertencem a uma elite avessa à interferência do capital estrangeiro que estaria atrelado à produção, manutenção e êxito do mercado ervateiro. Logo, essa concessão deveria ser limitada, a fim de travar o crescimento de uma elite agrícola voltada para a exportação, e limitar também o poderio daqueles que enriqueciam às custas da erva e sua atmosfera hostil para com àqueles que nela estivessem inseridos. No fragmento acima, a visão de mundo dessa classe é manifesta a partir do recorte “Algumas chamavam a necessidade de limitar os direitos e os poderes de uma potência particular legislando e governando por sua conta, submetendo homens e árvores à tratamento despótico” (DONATO, 1976, p. 189). Sabendo-se que uma das frações da classe dominante faz-se contra a inferência dos capitais externos, e que a Companhia e seu processo de manejo e exportação da erva contam com a participação de países como a Argentina e o Paraguai, tem-se o receio de que esses países passem a controlar setores que pertencem territorialmente ao domínio brasileiro. Logo, temos uma corrente ideológica que visa a produção de bens de consumo em território brasileiro, sem a necessidade de outros capitais ou ainda de vínculos empresariais com setores que não fossem nacionais.

Em um outro viés, temos as vozes da fração que contempla no monopólio possibilidades de enriquecimento. A problemática no entanto, instaura-se a partir do fato de que o progresso da elite é colocado em primeiro plano, fazendo com que os responsáveis por esse progresso permaneçam velados mediante o panorama social. Vejamos “Essas vozes contavam como as cidades haviam nascido, os rios navegados, os portos construídos, as riquezas exploradas, as estradas abertas e conservadas, e terra conhecida e povoada, aumentada a renda do Estado, enriquecido os fazedores de erva” (DONATO, 1976, p. 189). Nesse recorte, tem-se dispostas as melhorias oportunizadas pelo domínio da erva a partir da perspectiva dessa classe. Sendo assim, podemos depreender que essa fração, ligada ao setor agroexportador, visualiza na erva-mate a possibilidade de expansão capitalista, visando o

desenvolvimento e o lucro, ainda que as condições de exploração configurem-se desumanas.

Vemos então que as questões políticas e sociais da época são inseridas no contexto da trama via discurso das personagens, e é a partir deste que o autor articula um posicionamento mediante os fatos ocorridos no Ciclo da Erva-Mate. Temos então uma complexa relação entre as esferas autor, narrador e personagens, uma vez que o autor articula as ações mas deixa transparecer sua concepção acerca dos fatos, e ainda consegue constituir um narrador descritivo que posiciona-se de forma aparentemente neutra perante as ações. Por fim, o autor projeta nas personagens a sua consciência histórica acerca dos fatos, o que culmina em um discurso marcado pela historicidade e pelas percepções de Donato (1976) no que tange ao sistema ervateiro e seus domínios territoriais, econômicos e históricos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente artigo, teve-se como intuito apresentar as linhas de força que modulam as nuances discursivas de *Selva Trágica*. A partir da abordagem das personagens apresentadas – *Luisão* e *Jornalista* – pode-se analisar como as linhas de força, provenientes da fissura da fração dominante da classe burguesa, podem tensionar a visão de mundo transposta na narrativa e como estas apresentam-se intrínsecas ao nível da enunciação.

As linhas de força são decorrentes da ideologia de determinado contexto histórico, mais especificamente, do contexto de elaboração da narrativa, ou seja, ainda que a narrativa contemple o âmbito da década de 1940, ela contém as nuances ideológicas da década de 1950. Logo, a articulação da tessitura do texto apresenta em seus índices discursivos, a tensão em voga presente na metade do século XX, em que as frações da classe dominantes constituem-se em um embate econômico, político e social, e é justamente esse embate que pode ser visto na narrativa de Donato (1976), ou seja, de um lado a linha de força relativa ao setor agroexportador, e do

lado oposto a linha de força relativa à esfera avessa aos capitais estrangeiros, com seu foco na produção de bens de consumo dentro dos limites territoriais brasileiros.

No âmbito discursivo, podemos depreender que a narrativa de Donato (1976) articula-se de modo denunciativo, porém, ainda consegue destacar as duas linhas de pensamento que vigoravam na época, bem como os pontos positivos e negativos que cada uma apresentava, conforme disposto pela utilização e modulação das vozes das personagens *Luisão* e *Jornalista*, caracteres que ilustram as noções políticas, econômicas e sociais em voga no período, cedendo suas vozes para a visualização e compreensão das referidas noções no nível discursivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

DONATO, Hernani. *Selva Trágica*. São Paulo: Edibolso, 1976.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. *Tendências da análise do discurso*. Estudos Linguísticos, v.19, p.173-179, 1990.

KUPERMAN, Esther. *Velha bossa nova: a Sumoc e as disputas políticas no Brasil nos anos 50*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

VOLOCHINOV, V. [BAKHTIN, M.]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC, 2014.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2002

Recebido em 28/02/2017.

Aceito em 28/03/2017.